

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

CLARK (J. Desmond). (sob a direção de). — *Atlas of African Prehistory*. University of Chicago Press. Chicago. 1967. 12 mapas e 38 overlays.

Significativa sob todos os aspectos é a publicação que a University of Chicago Press nos oferece — *Atlas of African Prehistory* —, editado em 1967 e compilado por J. Desmond Clark. Englobando 12 mapas e 38 overlays fornece visão suscinta e precisa das várias perspectivas de abordagem relacionadas com a pré-história e do estágio de seu conhecimento no continente africano.

Na escala de 1:20.000.000 encontram-se mapas representativos da topografia, geologia, solos, precipitações e vegetação atuais, além de cartas mostrando a distribuição hipotética das precipitações e formações vegetais considerando valores pluviométricos na base de 50% ou 150% em relação aos atuais. Na mesma escala encontramos overlays representando a drenagem, a distribuição de várias moléstias (malária, tripanosíasis humana e do gado), da fauna pleistocênica e dos inúmeros jazimentos arqueológicos ligados às várias idades e culturas pré-históricas africanas. Todos os mapas e overlays resultam da cooperação de especialistas, particularmente de pesquisadores das ciências naturais e arqueológicas, em função dos trabalhos apresentados no *Pan-African Congress on Pre-History and Quaternary Studies*, realizado em 1965 nos Estados Unidos.

Os acontecimentos abrangidos pela Pré-história vinculam-se a um verdadeiro cadinho científico, no qual se interrelacionam várias ciências. Em outras palavras, é a pesquisa e o conhecimento do Quaternário (que os russos denominam de Antropógeno) que encontramos no âmago dos trabalhos em andamento. Nas pesquisas concernentes a este curto espaço de tempo geológico, nenhuma ciência é auto-suficiente, havendo necessidade de estar sempre em contacto com as inovações técnicas e o desenvolvimento das pesquisas nos ramos científicos conexos.

O *Pan African Congress on Pre-History and Quaternary Studies*, do qual resultou a feitura do atlas, é prova dessa união científica. O folheto guia compilado por J. D. Clark assinala que "o fator mais influente na vida dos homens primeiros foi o ambiente no qual eles viveram" e que "existe estreita relação entre a cultura e os ambientes na África em todos os períodos". Estas citações não denunciam fatos novos, mas perspectivas resultantes de numerosos trabalhos e que devem sempre ser lembradas, pois foram elas que originaram a estruturação do Atlas. Os mapas iniciais demonstram as características do quadro natural africano, enquanto os overlays representando a distribuição das moléstias, das faunas pleistocénicas e das várias indústrias líticas podem a elas ser sobrepostos. Por outro lado, os mapas relacionados com a distribuição hipotética das precipitações e da vegetação (que não se baseiam sólamente na redução proporcional da pluviosidade, mas em estudos ecológicos e paleoecológicos) são verdadeiras contribuições à paleogeografia africana quaternária, pois as oscilações climáticas em seu território giraram em torno da quantidade e regimes pluviométricos, ocasionando períodos secos e pluviais, e visualizam os quadros naturais em que viveram os povos antepassados.

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

No tocante aos estudos pré-históricos, e aos estudos do quaternário em geral, as regiões semi-áridas do Norte da África são melhor conhecidas que as áreas úmidas e florestadas. Considerando a presença das oscilações climáticas quaternárias, julgamos que elas sejam as principais responsáveis pelas migrações das faunas, floras e homens. Pensamos que o desaparecimento de determinadas culturas líticas, em certo lugar, pôde ocorrer devido às oscilações climáticas. A migração humana tinha chance de movimentar-se de acordo com as alterações ambientais, ocasionando a possibilidade de encontrarmos culturas semelhantes em espaços e tempos diferentes. Todavia, a paleogeografia quaternária ainda sente falta de dados para elucidar tôdas essas variações.

Ao consultar o *Atlas of African Prehistory* podemos lamentar a pequena escala adotada nos mapas e *overlays*. Todavia, comprehende-se perfeitamente tal procedimento dos autores responsáveis, na tentativa de fornecer um quadro geral e homogêneo da Pré-história africana. O objetivo foi alcançado com amplos méritos, servindo como documentação básica para o estudo do Quaternário africano. Por último, não poderíamos deixar de consignar os devidos elogios à perfeita apresentação gráfica elaborada pela *University of Chicago Press*.

ANTÔNIO CHRISTOFOLETTI

* * *

CARR (E.H.). — *What is History?* Penguin Books Ltd., Harmondsworth, Middlesex, 1964, 150 p.

Autor de muitos trabalhos sobre história, inclusive a *History of Russia*, em três volumes, E. H. Carr, de Trinity College, Cambridge, define a função da História e do historiador numa série de palestras proferidas na Universidade de Cambridge.

A resposta à pergunta “O que é a história?” não é simples, “porque reflete, consciente ou inconscientemente nossa posição no tempo e faz parte da nossa resposta à questão mais ampla de qual a visão que temos da sociedade em que vivemos” (p. 8).

Como é que o historiador escolhe seus fatos? Nossa visão da Grécia antiga é completa? No primeiro capítulo, *The Historian and his Facts*, Carr tenta responder estas e outras perguntas através do tema central do trabalho: “a história é o estudo do passado a fim de melhor entender o presente, e é também o estudo do presente a fim de melhor compreender o passado.” Segundo Carr, êsses “estudos” têm a função de fornecer linhas de ação para o futuro. Nesta perspectiva, o historiador escolhe seus fatos num diálogo sem fim entre ele mesmo e seus fatos.

No segundo capítulo, o autor continua com êsse mesmo pensamento central, porém analisando-o em relação à “sociedade e o indivíduo”. O homem é moldado pela sociedade e ajuda a moldar a sociedade. O homem é necessariamente uma parte da sociedade; a idéia de que alguns protestam contra a sociedade é falsa — o protesto é contra certos grupos dentro da sociedade. Carr também declara que a história não é feita por homens famosos.